

Menos dinheiro para os países endividados

A.M.Pimenta Neves, correspondente em Washington.

Os bancos internacionais não querem aumentar sua participação relativa na dívida externa dos países em desenvolvimento e preocupam-se com a exploração do conceito de "transferências negativas", aplicado à situação dos devedores que pagam mais no serviço da dívida do que recebem na forma de empréstimos dos bancos.

Numa carta enviada ao presidente do Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional, que se reúne em Washington dentro de duas semanas, o diretor-gerente do Instituto de Finanças Internacionais, André de Lattre, afirmou que se deve "realçar que o pagamento de juros sobre a dívida é um pagamento corrente correspondente ao uso do capital". É tão obrigatório como o pagamento de fretes ou prêmios de seguro, disse Lattre.

"Seria perigoso isolar os pagamentos de juros entre os vários componentes das obrigações do país devedor e falar de 'transferências negativas', quando a soma do pagamento do principal e dos juros devidos num determinado ano acaba sendo maior do que o influxo de capital recebido naquele ano. Qualquer contribuição que se faça para esclarecer esse ponto seria muito valiosa, do ponto de vista dos bancos", disse o chefe do instituto, criado pelos credores privados para acompanhar o problema do endividamento externo.

A carta enviada ao presidente do Comitê Interino, H. Onno Rüding, que é ministro das Finanças da Holanda, foi divulgada ontem por Lattre numa entrevista coletiva na sede do instituto, em Washington.

Lattre disse também que os bancos internacionais concordam

com a opinião de que a melhoria a longo prazo na situação da dívida depende em grande parte dos esforços de ajustamento dos próprios países devedores. Contudo, na opinião dos bancos, esses países podem depender menos de empréstimos do mercado privado de capitais. Uma maneira de se conseguir isso seria estimular os investimentos diretos. Outra seria encorajar o retorno de capitais que deixaram esses países durante a recente crise, talvez até mesmo mediante uma anistia ou garantias especiais.

Uma coisa é certa, disse Lattre, os bancos privados não estão dispostos a aumentar sua participação no financiamento desses países.

De 1978 para cá, afirmou, a participação dos bancos comerciais na dívida externa dos países em desenvolvimento aumentou de 60% para 70%. A seu ver, essa participação tem agora de diminuir, enquanto aumenta a de outras fontes, especialmente as agências multilaterais.

Os bancos estão preocupados com o fato de que, no final de 1985, os grandes devedores terão exaurido os recursos que lhes eram disponíveis no Fundo Monetário Internacional. Nesse sentido, disse André de Lattre, gostariam de ver o Banco Mundial e as instituições regionais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento, representarem um papel mais ativo. Quanto ao Banco Mundial, afirmou, desejaria que aumentasse seus empréstimos, não apenas para projetos, mas para o ajustamento estrutural, e complementasse o papel do FMI, fazendo com que os países em desenvolvimento adotassem políticas industriais mais eficazes.